

UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DAS PAIXÕES FASCISTAS: A IMPRENSA PARTIDÁRIA E A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

RAFAEL ATHAIDES*

A presente exposição se originou de um questionamento recebido na ocasião da defesa de uma tese intitulada “As paixões pelo sigma: fascismos e afetividades políticas”, no ano de 2012, na Universidade Federal do Paraná (ATHAIDES, 2012). Tal trabalho versa sobre a relação dos fascismos com o universo afetivo, partindo de uma reordenação teórica relativamente recente em academias brasileiras. O ‘estudo de campo’ foi o fascismo brasileiro, mais especificamente, sua seção paranaense, a Província do Paraná da Ação Integralista Brasileira; as fontes, um jornal de militância política local chamado *A Razão*, além de recortes da imprensa integralista nacional.

Ora, o questionamento acima mencionado se referia à possibilidade de se refazer os passos de uma pesquisa como aquela; diagnosticava, com certa justeza, portanto, a carência de uma metodologia clara para o estudo de um objeto tão ‘etéreo’ como as ditas paixões políticas. Em outras palavras: em que medida essa tese não foi apenas fruto da observação e empiria do historiador, impossível, portanto, de se reproduzir ou ensinar?

Em resposta direta, cremos ser plausível, senão uma metodologia, uma recomposição dos passos da referida pesquisa, de forma a torná-la inteligível em seu método e, conseqüentemente, ‘reproduzível’ para o estudo de outras instituições ou segmentos fascistas, ou para uma análise da mesma instituição (a AIB) tomando por base outros periódicos do movimento. Militamos aqui, portanto, e parafraseando o historiador francês Pierre Ansart (2000), ‘em defesa de uma história política das paixões fascistas’, uma vez que essa história nos pareceu perfeitamente investigável, relativamente inédita, instigante e, é o que tentaremos mostrar, reproduzível.

A primeira ponderação a se fazer a respeito da tese ora defendida é sobre a ausência de um vetor na consecução da ideia: “as paixões pelo sigma” foi um trabalho que se descobriu, ao mesmo tempo, pelos referenciais teóricos e pela pesquisa com as fontes. Isso resultou de um conjunto razoável de ‘coincidências’ entre o que os fascistas brasileiros praticavam ‘lá

* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná; professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

fora’ – no cotidiano da militância – e o que havia de reflexões ‘aqui dentro’, nos textos propriamente teóricos.

Entre tais ‘coincidências’, algumas óbvias, outras nem tanto, cito: 1) o Integralismo – e talvez todo fascismo – é um movimento embebido em (e mobilizado por) uma seleção de afetividades (emoções, sentimentos e paixões)¹; 2) as afetividades integrantes do cotidiano do militante integralista – e talvez de quaisquer militantes fascistas – eram a paixão (e aqui acrescentamos o termo ‘militante’, para designar o elemento especificamente político-partidário: paixão militante), o ressentimento e o ódio; 3) essas afetividades se encontravam em uma espiral de retroalimentação entre práticas e discursos integralistas; 4) todos esses elementos são observáveis por intermédio (leia-se ‘utilizando-se como fonte’) daquilo que Rodrigo Oliveira chamou de “imprensa integralista militante” (2009).

Antes de qualquer apreciação sobre esse tipo de objeto é necessário o reconhecimento, por parte do pesquisador, de um **reordenamento teórico/conceitual** nas ciências humanas a respeito do binômio razão/emoção; isso se faz no intuito de desfazermos quaisquer válvulas de escape interpretativas para o fascismo genérico, nas quais ele seja visto como um espasmo, ou surto de irracionalidade. Diretamente ao ponto, citamos Hannah Arendt:

A ausência de emoções nem causa nem promove a racionalidade. “Desapego e serenidade” em vista de uma “tragédia insuportável” podem realmente ser “aterrorizadores”, isto é, quando não são o resultado do controle, mas uma evidente demonstração de incompreensão. A fim de responder razoavelmente é preciso, em primeiro lugar, estar “sensibilizado” – e o oposto de emocional não é “racional”, o que quer que isso signifique, mas “incapacidade de sensibilizar-se”, o que geralmente é um fenômeno patológico, ou “sentimentalismo”, que é uma perversão do sentimento (2010, p. 83).²

Mediante a reflexão de Arendt, podemos afirmar que os fascismos trabalhavam nos extremos, entre a “incapacidade de sensibilizar-se” – levando em conta aqui a ‘empatia’, afetividade-chave na visão iluminista de humanidade – e o “sentimentalismo”, ou o apelo à exacerbação das afetividades para fins políticos.

¹ Levando em conta a distinção que Ansart realiza entre emoções (“afetos vivos e limitados no tempo”), sentimentos (“sistemas sócioafetivos menos aparentes e mais duráveis”) e a paixão, entendida como “a afetividade vivenciada e a intensidade da ação” (2000, p. 153).

² Um texto de história relativamente recente, lançado no Brasil, e que categoricamente quebra a dicotomia razão/paixão na ‘fonte’, ou seja, no Iluminismo é HUNT, 2009.

Isso posto, o próximo passo para consecução da tese ora citada foi um exaustivo estudo da teoria dos fascismos, no intuito de verificarmos tanto a filiação da AIB com o movimento mais genérico, quanto identificarmos entre os teóricos do tema aqueles que mais se aproximam de uma abordagem que dá a devida importância às afetividades dos fascistas. Nessa etapa, concluímos que só recentemente as afetividades foram reconhecidas, pelos autores internacionais, como parte do núcleo duro da prática fascista (PAXTON, 2007); ao mesmo tempo, constatamos que, no Brasil, um dos textos mais criticados pela historiografia já havia avançado significativamente no estudo dos sentimentos na Ação Integralista Brasileira, ainda que por um viés notadamente dicotômico, no que concerne ao binômio razão/emoção (VASCONCELLOS, 1979).³

Não sem antes verificarmos a documentação – os jornais de militância da AIB – elegemos, em diálogo com certos teóricos, as afetividades sobretudo consistentes nos discursos e nas práticas dos fascistas brasileiros (a paixão militante, o ressentimento e o ódio). Sobre tais afetividades nos debruçamos em uma **introdução teórica**, que consistiu na ligação necessária entre afetividades e política, para os fins da tese proposta. Sintetizaremos a partir de agora, os aportes teóricos.

No que concerne à **paixão militante**, nos foi de suma importância a compreensão de algumas reflexões do historiador francês Pierre Ansart, um dos precursores da “ciência social das paixões políticas” (2000, p. 1). Como qualquer movimento/partido político, o Integralismo – assim como qualquer fascismo – foi “um produtor de mensagens comoventes” (ANSART, 1983, p. 109). Certamente, muitos homens e mulheres aderiram e permaneceram na AIB primeiro por estabelecerem com ela uma afinidade sentimental, para depois terem um conhecimento maior de seus pressupostos. Participar de um partido significa participar de uma comunidade de crenças, partilhar uma identidade de reações afetivas com outros

³ Praticamente todos os clássicos da historiografia do Integralismo atribuem ao movimento – cada um a seu modo – as características de um “aparelho afetivo” (ANSART, 1983, p. 109). Reconhecem, sobretudo, que o movimento era, em sua essência, altamente mobilizador de sentimentos coletivos, em detrimento da reflexão. Embora o próprio Héglio Trindade tenha apontado que a atuação do Integralismo esteve envolta em um “clima de paixão política”, tanto por parte de seus militantes, quanto de seus “adversários” (1979, p. 1), o primeiro estudioso a dedicar parte de sua obra ao que chamou de “irracionalidade” do Integralismo foi Gilberto Felisberto Vasconcelos, em *Ideologia Curupira*. Para compreender essa face afetiva do movimento, o sociólogo buscou as raízes discursivas da recusa integralista à racionalidade no núcleo onde, segundo o autor, ela se formou: as obras modernistas do movimento Verdeamarelo, do qual Plínio Salgado fez parte.

membros.⁴ Portanto, se a vida política fora do partido é atravessada por desconfiança e falta de comunicação, o partido político oferece um paraíso de entendimento e de solidariedade afetiva (ANSART, 1983, p. 112-113).

Partindo desse pressuposto, tentamos mapear a tipologia e compreender as missivas comoventes que circulavam por intermédio dos periódicos do movimento integralista específico, objeto de estudo. Tais missivas despertavam e insuflavam uma **paixão militante**, que por sua vez, produziam novas mensagens comoventes, num processo que denominamos ‘retroalimentação’.

Nos fascismos, a paixão militante se escora na crença última da justiça e urgência da causa nacional (invariavelmente, a causa do renascimento nacional), na supremacia e infalibilidade do líder e na necessidade de liquidação dos inimigos. Sendo a causa máxima a causa da nação e o líder carismático infalível, o militante esquece-se de si e às vezes da própria existência da coletividade humana por detrás da nação (a ponto de excluir e/ou exterminar os seus pares). Na medida em que se entrega ao torpor da obediência cega, o indivíduo é capaz de realizar as maiores ‘peripécias’ por submissão, ou por atitude própria, na tentativa de aproximação em relação ao chefe e as lideranças veneradas e para ver os objetivos do partido realizados. Como afirma Charles Lindholm, na presença do líder, a multidão “assume características particulares de exaltação, desprendimento e intensidade emocional que estão além daquelas da consciência comum dos indivíduos envolvidos”. Ademais, impulsionados pela “força gravitacional” atuante naquele ambiente, esses homens e mulheres “perdem suas identidades pessoais na veneração ao outro carismático” (1990, p. 19). Assim, a contemplação do Chefe, torna-o “sagrado”, no momento mesmo do espetáculo; nas palavras de Weber, trata-se de um “estado psicológico no *aqui e agora*”, um estado que “consiste na atitude emocional *per se*” (1982, p. 321-322).

Quanto ao **ressentimento**, optamos por seguir as reflexões de Roger Griffin sobre o nacionalismo fascista, o qual, segundo o autor, tem como pilar a ideia de “palingenesia”, ou a ideia da urgência de um renascimento fenixiano da nação. Se entendermos que o fenômeno do nacionalismo é, na acepção de Benedict Anderson (2005), o sentimento de pertença a uma

⁴ Segundo Ansart (1983), os partidos/movimentos políticos cumprem a função de mecanismos sociais antidepressivos, na medida em que respondem por uma totalidade de questões postas à sociedade e permitem ao aderente sentir-se em um grupo que defende ‘a causa justa’. No caso do Integralismo, isso está patente no próprio nome do movimento.

“comunidade imaginada” e que o fascismo se configura como sua forma mais revolucionária (PAXTON, 2007), podemos pensá-lo, antes de tudo, como um sentimento insuflado em seus limites (o que autores clássicos da teoria do fascismo chamam de ultra-nacionalismo), ou em limites até então nunca vistos no mundo moderno. Por sua natureza, o nacionalismo evoca um sentimento identitário arbitrariamente avesso à racionalização, capaz de sobrepujar na subjetividade humana quaisquer outras identidades que não às relacionadas a um constructo particular de nação. Sendo seu discurso nacionalista um ‘metadiscorso’, o nacionalismo tende a suplantar “qualquer outra relação social, moral, familiar”, etc. (GIL, 1989, p. 296). *In natura*, o nacionalismo não é uma ideologia, ao contrário, tende a repulsar as elaborações teóricas intrincadas para se justificar. Assim, toda construção semântica em torno do conceito de **nação** requer um alto nível de conteúdo mítico, sobretudo para designar as origens da nacionalidade, os chamados ‘mitos fundadores’. Tais mitos devem satisfazer “a exigência de identificação dos indivíduos que nela têm origem, porque são esses os seus construtores” (GIL, 1989, p. 286).

De tal modo, o fascismo, nada mais faz do que manipular elementos histórico-míticos e apresentar o (re)*natio* da nação como um imperativo, em face ao colapso iminente ou pretérito. Ora, essa necessidade, tida como inadiável, está inexoravelmente ligada a um conjunto de emoções e sentimentos (a inveja, ciúme, rancor, vingança e das experiências da **humilhação** e do **medo**) que, ao passarem por processo de recalque, ou ‘ruminação’ interior, culminam em **ressentimentos coletivos**, na acepção de Pierre Ansart (2004). Ao mesmo tempo, o ressentimento emula uma perene “hostilidade impotente” (HAROCHE, 2004, 330), uma contínua revolta pela momentânea condição de irreversibilidade. Para Michèle Ansart-Dourlen “o ressentimento designa um afeto associado a formas de agressividade, ciúme, inveja, raiva, provocando desejos de vingança, que são recalcados. Suscita assim, sintomas recorrentes, repetitivos, de natureza frequentemente obsessiva, na medida em que o sujeito é incapaz de exteriorizar seus afetos” (2004, p. 347).

Quanto ao **ódio**, foi-nos importante o entendimento das reflexões de Hannah Arendt, no que concerne à ligação entre o fomento ao ódio social e outros tipos de afetividades reativas, em especial o ressentimento. Com isso, pudemos entender os múltiplos direcionamentos do ódio social dos fascismos como uma racionalização, ou instrumentalização, da revolta coletiva contra as condições ‘impostas’ pela ação dos

indesejáveis. Em outras palavras, o ódio – em parte advindo do ressentimento – é direcionado aos grupos tidos como responsáveis pelo declínio da nação, maior pavor, segundo Griffin (1991), de qualquer movimento que cultua a palingenesia; em seguida, pelo discurso, esse ódio é vetorizado, canalizado ou, nas palavras de Arendt, “racionalizado” para se tornar “irracional” (2010, p. 85). A questão é que, para se processar a palingenesia nacional, torna-se impraticável expurgá-la de todos os correspondentes ideológicos e sociais que não se encaixam no universo fascista. Resta, portanto, aos fascismos direcionarem seu ódio a certos substitutos e é nisso que, segundo Arendt, reside a irracionalidade do ódio fascista: a busca pelos bodes expiatórios.

De posse desse instrumental teórico, nos encaminhamos para um estudo do contexto em que se inseria nosso objeto, a AIB no Estado do Paraná dos anos 1930, onde circulava o jornal militante, fonte principal para a análise das afetividades integralistas. Da leitura cronológica da fonte e do resgate, um tanto descritivo, da estrutura, história e funcionamento da chamada Província do Paraná entre 1934 e 1937, extraímos os segmentos documentais que permitiram provar, em nossa opinião, a tese sobre a intrincada relação entre as afetividades aqui referidas e *modus* fascista de fazer política.

A estrutura textual seguiu a linha das três afetividades supracitadas e o conteúdo primou pela construção de uma história do ‘cotidiano político/afetivo’ dos fascistas brasileiros/paranaenses, sem maiores elucubrações teórico-psicológicas. Apesar do tamanho da documentação (27 números do jornal *A Razão*), foi-nos possível identificar as investidas discursivas e as práticas dos militantes no universo afetivo.

Visualizamos os militantes paranaenses, em camisa-verde, extremamente **apaixonados** pela causa e pelo líder. Dispostos aos mais radicais e irrefletidos sacrifícios em prol do sigma, esses homens e mulheres se encontravam plenamente submersos num universo místico-simbólico-afetivo, cujos caracteres reforçavam os laços de pertencimento a uma comunidade maior.

Para o estudo empírico dessa **paixão militante**, analisamos ocorrências de manifestações passionais ‘extra-ordinárias’ de militantes paranaenses da AIB, nas quais, em geral, punham em risco suas vidas (e as de outrem) pelo movimento e/ou pelo Chefe Nacional, Plínio Salgado. Exploramos, para tanto, os efusivos discursos do jornal *A Razão* sobre as “peripécias da paixão militante” e a possibilidade de retroalimentação entre esses

discursos e novas práticas da paixão (ATHAIDES, 2012, p. 235-237). Citemos aqui o caso da escalada ao Pico Marumbi em maio de 1935, cujo intuito era fixar, no cume, uma placa de bronze com o Sigma e um conflito de rua ocorrido em Rio Negro, em junho de 1935, em que dois militantes estiveram próximos de cometerem um assassinato ‘somente’ por ouvirem ofensas verbais a Salgado.

Em seguida, ainda analisando a paixão militante fascista, nos propusemos a explorar a paixão pelo chefe carismático, como parte integrante da vida afetiva do fascista. Analisamos os discursos construídos no *A Razão* sobre a figura de Plínio Salgado, mas, sobretudo, nos debruçamos sobre as visitas de Plínio Salgado ao Paraná. Constatamos que a visita do Chefe era aguardada e ventilada com muita antecedência; o evento em si consumava uma explosão passional mesmo para os simples e interioranos militantes, que na ocasião estavam prestes a contatar o mais alto nível da cadeia hierárquica do movimento, em uma ocasião de imersão na multidão.⁵ A mágica da presença do Chefe era tamanha que, às vezes, não era preciso uma visita completa; a escala do avião que levaria o Chefe a outro lugar era suficiente para causar um fervor e a formação de caravanas em direção ao campo da aviação. Segue-se um exemplo, numa dessas ocasiões, em 30 de maio de 1935:

milhares de boletins tinham sido espalhados, anunciando a passagem do Chefe Nacional por Curitiba. [...] Estava anunciada a sua chegada para às 12,30. No entanto já às 11 horas, centenas de camisas-verdes se dirigiam ao Campo no Bacachery [...]. “os valorosos e bravos plinianos sob as ordens do professor Antonio Koser, desfilaram pela Rua 15 de Novembro e outras arterias da Capital, marchando ao rufo de seus tambores, em direção ao Bacachery” (A Razão, n. 5, 31/05/1935, p. 1 e 6).

As diversas mensagens comoventes, sobretudo aquelas embasadas em mitos (telúricos ou de cunho religioso) e experiências transcendentais também foram exploradas na tese como parte integrante do ciclo de retroalimentação entre discurso comovente e prática militante.

⁵ “Depois do sexo, a atividade que mais intensamente combina a experiência corporal com forte emoção é a participação em uma demonstração de massa em época de grande exaltação pública. Ao contrário do sexo, que é essencialmente individual, essa é por natureza coletiva, e, ao contrário do clímax sexual – pelo menos no que se refere aos homens –, pode ser prolongada durante várias horas. Por outro lado, assim como o sexo, tal participação implica ações físicas – marchar, gritar palavras de ordem ou cantar – nas quais a imersão do indivíduo na massa, que é a essência da experiência coletiva, encontra sua expressão” (HOBBSAWM, 2002, p. 91).

Nesse ponto, constatamos que muitos discursos estavam carregados da insistente ideia ‘vivificação da nação’, transformada em um ente que possui corpo, alma e afetividades como os homens. A empatia do militante com esse outro ente vivo seria a característica mais primorosa de um verdadeiro militante. Ao mesmo tempo, as experiências ditas transcendentais para com esse país ilustram o quanto os fascistas estavam dispostos a promover a fusão entre religião e política – vide discurso de Jorge Lacerda, em que ‘recebe’ a pátria em espírito (ATHAIDES, 2012, p. 255-256).

A paixão por um Brasil ‘vivo’, porém idílico, completamente avesso ao real, levou os camisas-verdes ao cultivo de afetividades reativas contra os entes tidos como causadores da ‘anomalia’. Assim, a obsessão **ressentida** contra a usurpação pelo “estrangeiro”, pelo “supercapitalismo”, pelo “capitalismo judaico internacional” (ou qualquer outra variação), promoveu, ao mesmo tempo, unidade e ódio entre as fileiras do movimento. Além disso, um inimigo imediato – no Brasil, um perigo muito mais imaginário – espreitava a “mãe gentil”, no intuito de transformá-la no monstro soviético. Invariavelmente, nos discursos, todos esses entes odiosos apareciam no resultado de uma somatória em que os componentes eram judeus.

Esse ‘res-sentimento’ (dor ou a humilhação passadas, sentidas recorrentemente) foi analisado minuciosamente nos 27 números do jornal, no intuito de mapearmos os tipos sociais contra os quais o periódico alimentava essa ‘ruminação reativa’ e qual o seu conteúdo. Em geral, os militantes aqui analisados exploravam um ‘ressentimento histórico’, ou a ideia de um ‘um país que nunca fora nosso’, perenemente vítima de usurpações, desde seu nascimento. Ou seja, a experiência – real ou idílica – da **humilhação** nacional foi trazida para o centro da cena, nos discursos do jornal.

De forma mais próxima, os ódios do fascismo brasileiro no Paraná se direcionaram para a Aliança Nacional Libertadora e para a Maçonaria, instituições com as quais a AIB disputava e compartilhava espaços no cenário estadual. Com relação à primeira, a ojeriza descambou em conflitos de rua, já com a segunda, provavelmente apenas sob a forma de batalhas discursivas. De qualquer forma, mesmo no olhar microscópico do cotidiano, tanto os aliancistas quanto os maçons foram associados mutuamente e em relação aos judeus. Trata-se, na realidade, da ‘livre associação entre os objetos do ódio’, a qual não carece de qualquer lógica externa à da ideologia.

Em conclusão: obviamente, muito do que se fez na pesquisa aqui descrita foi fruto da empiria pessoal do historiador e, certamente, outros olhares perceberão outros ‘arranjos’ afetivos no universo do movimento fascista brasileiro. A despeito disso, cremos ter demonstrado aqui os passos – ou se quiser o método – dessa pesquisa, mesmo diante da fluidez do objeto.

No que concerne aos nossos resultados, pensamos ser pouco duvidoso o fato de que **paixão, ressentimento e ódio** fizeram parte constante do universo do militante integralista paranaense e, certamente, de todo o Brasil – qualquer análise do jornal *A Offensiva*, por exemplo, poderá constar isso. A falta de ‘distância’ em relação à nação, seu objeto da paixão, colocou a AIB em um tribunal do júri repleto de inimigos, na condição de ‘advogada sem honorários das moléstias nacionais’ (como ocorre em todo fascismo). Ressentida com sua visível impotência em salvar seu objeto de desejo e sempre em posição acuada, a Ação Integralista Brasileira destilou o ódio contra uma série de ‘ameaças’ que, por dentro e por fora, ‘intentavam’ consumir a “mãe gentil”. Tirá-la do “berço esplendido” em que jazia “eternamente” foi sua obsessão.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul / dez 2000, p. 145-164.

_____. História e memória dos ressentimentos. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 15-36.

_____. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: Editions L'Âge d'Homme, 1983.

ARENDRT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ATHAIDES, Rafael. As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos. 304 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

GIL, José. Nação. In: *Enciclopédia Einaudi: Estado-Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989, p. 276-305.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991.

HAROCHE, Claudine. Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 333-346.

HOBBSBAWM, Eric J. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LINDHOLM, Charles. *Carisma - êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História). 388 p. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.